

Na França, a confiança dos bancos é só parcial

Medidas do BC foram bem recebidas, mas linhas de crédito poderão ser escassas

REALI JÚNIOR

Correspondente

PARIS - As medidas anunciadas pelo governo brasileiro oferecendo linhas de crédito do Banco Central, via leilão, no valor de US\$ 2 bilhões para facilitar as exportações constituem um estímulo aos bancos comerciais europeus, hoje extremamente fechados, para modificar sua posição em relação ao financiamento das empresas. Essa revelação foi feita ontem por fonte bancária francesa, que confirmou uma queda importante na porcentagem de renovação de linhas de curto prazo. "E quando isso ocorre, os prazos têm sido bem mais curtos e as condições mais estritas", acrescentou a mesma fonte.

Isso confirma a opinião da responsável pelo risco país da Coface, a companhia francesa que garante créditos de exportação, Jenny Clei, segundo a qual o anúncio do acordo com o FMI não representava uma reabertura imediata ou automática das chamadas linhas de curto prazo, mesmo sendo um passo positivo nessa direção.

Apesar de Lula e Ciro Gomes terem assumido o compromisso de respeitar o recente acordo com o FMI, prevalece ainda uma certa desconfiança em relação ao comportamento do futuro presidente da República. Isso porque, segundo revelou ontem o matutino *Les Echos*, "as nuances são ainda sensíveis entre o candidato oficial, que aplaude o acordo, e

outros dois que apenas o consideram um mal necessário". Ambos prometem respeitá-lo, mas também se mostram dispostos a aplicar, desde o primeiro dia de mandato, uma outra política econômica mais voltada para a redução da dependência externa do país.

A principal dificuldade para o ministro Pedro Malan e o presidente do BC, Armínio Fraga, convencerem em Nova York e Londres os representantes dos grandes bancos comerciais é que nas vezes anteriores eles puderam começar a negociação pelas linhas de crédito de curto prazo, e só posteriormente ocorreu a negociação com o FMI e Banco Mundial. Agora, talvez pela urgência, a negociação começou pelo FMI. Também ao contrário do que ocorreu no passado, quando o mandato do atual governo estava apenas no início,

agora a dupla Malan-Armínio não pode assumir nenhum compromisso quanto ao futuro, pois só deverá permanecer no poder por mais quatro meses.

Os bancos co-

PRAZOS
TÊM SIDO
MAIS
CURTOS

mercias poderão endurecer a negociação por falta de um interlocutor de mais longo prazo. Eles continuam confiando na dupla econômica do governo Fernando Henrique Cardoso, mas se interrogam sobre o futuro próximo, a partir de janeiro de 2003. Nessas últimas semanas, as poucas renovações de linhas de crédito, além de terem prazos mais curtos, têm representado valores pouco expressivos. Os bancos comerciais brasileiros têm tido maiores dificuldades em obter a renovação dessas linhas, enquanto a situação é um pouco melhor em relação aos organismos de crédito oficiais.